

PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES DO CENTRO EM CIDADES MÉDIAS: CAMPINA GRANDE/PB E CARUARU/PE*

DORALICE SÁTYRO MAIA

Universidade Federal da Paraíba

doralicemaia@hotmail.com

LETÍCIA BARBOSA BOMFIM

Universidade Federal da Paraíba

lebomfim@gmail.com

RESUMO

Os estudos sobre as cidades médias permitiram evidenciar os processos de conformação das áreas centrais das cidades pesquisadas pela Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias (ReCiMe). Tais áreas constituem, mesmo com algumas dissonâncias espaço-temporais, o que se denominou de centro principal, pois é onde se concentram as atividades de comércio e de serviços, bem como destacada densidade na ocupação do solo. O artigo refere-se à pesquisa que elegeu duas cidades do Nordeste brasileiro: Caruaru em Pernambuco e Campina Grande na Paraíba. A escolha deu-se pela consonância nos seus respectivos processos de urbanização, por integrarem a mesma formação socioespacial, bem como representarem importantes centralidades na rede urbana brasileira. O objetivo principal é recuperar o processo histórico de constituição das áreas centrais das duas cidades e analisar a sua dinâmica atual, observando as permanências e as transformações das suas respectivas áreas, bem como as particularidades e singularidades entre tais realidades. A metodologia utilizada recorreu à observação empírica, pesquisa documental, análise de mapas e imagens de satélite e elaboração de representação cartográfica. Constatou-se que apesar do surgimento de “novas” centralidades, a área central mantém-se como aquela para onde converge a população dos mais diferentes bairros, a correspondência com os marcos históricos, bem como a sua importância enquanto principal centralidade intraurbana. Porém, há singularidades em cada um dos processos de conformação dos seus centros e da dinâmica destes espaços na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Área central; Centro principal; Centralidade; Campina Grande/PB; Caruaru/PE.



Esta revista está licenciada sob a Creative Commons Attribution 4.0 License.

**PERMANENCE AND TRANSFORMATION
OF THE CITY CENTER IN MEDIUM-SIZED CITIES:
CAMPINA GRANDE/PB AND CARUARU/PE**

ABSTRACT

The studies on medium-sized cities have allowed highlighting the processes of shaping the central areas of the cities researched by the Network of Researchers on Medium-Sized Cities (ReCiMe). These areas constitute, even with some space-time dissonances, what has been termed as the main center, as it is where commerce and service activities are concentrated, as well as a notable density in land occupation. The article refers to research that selected two cities in the Northeast of Brazil: Caruaru in Pernambuco and Campina Grande in Paraíba. The choice was made due to the consonance in their respective urbanization processes, their integration into the same socio-spatial formation, as well as their representation as important centralities in the Brazilian urban network. The main objective is to recover the historical process of constitution of the central areas of the two cities and to analyze their current dynamics, observing the continuities and transformations of their respective areas, as well as the particularities and singularities between such realities. The methodology used involved empirical observation, documentary research, analysis of maps and satellite images, and elaboration of cartographic representation. It is noted that despite the emergence of “new” centralities, the central area remains the one where the population from different neighborhoods converges, in correspondence with historical landmarks, as well as its importance as the main intra-urban centrality. However, there are singularities in each of the processes of shaping their centers and the dynamics of these spaces today.

KEYWORDS: Central Area; Principal Center (CBD); Centrality; Campina Grande/PB; Caruaru/PE.

**PERMANENCIA Y TRANSFORMACIÓN DEL
CENTRO EN CIUDADES DE TAMAÑO MEDIO:
CAMPINA GRANDE/PB Y CARUARU/PE**

RESUMEN

Los estudios sobre ciudades intermedias han permitido poner de relieve los procesos de conformación de las áreas centrales de las ciudades investigadas por la Red de Investigadores sobre Ciudades Medias (ReCiMe). Aun con algunas disonancias espacio-temporales, estas áreas constituyen lo que se ha dado en llamar el centro principal, ya que es donde se concentran las actividades comerciales y de servicios, así como una alta densidad de ocupación del suelo. El artículo se refiere a un estudio que eligió dos ciudades del nordeste de Brasil: Caruaru, en Pernambuco, y Campina Grande, en Paraíba. Fueron elegidas porque sus respectivos procesos de urbanización son coherentes, porque forman parte de la misma formación socioespacial y porque representan centralidades importantes en la red urbana brasileña. El objetivo principal es recuperar el proceso histórico de constitución de las áreas centrales de las dos ciudades y analizar su dinámica actual, observando las permanencias y transformaciones de sus respectivas áreas, así como las particularidades y singularidades entre estas realidades. La metodología utilizada fue la observación empírica, la investigación documental, el análisis de mapas e imágenes de satélite y la representación cartográfica. Se observa que a pesar de la aparición de “nuevas” centralidades, el área central sigue siendo aquella en la que confluye la población de los barrios más diversos, la correspondencia con hitos históricos, así como su importancia como principal centralidad intraurbana. Sin embargo, existen singularidades en cada uno de los procesos de conformación de sus centros y en la dinámica de estos espacios en la actualidad.

PALABRAS CLAVE: Área Central; Centro Principal; Centralidad; Campina Grande/PB; Caruaru/PE.

*As pesquisas foram desenvolvidas com recursos da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba - Fapesq- Processo 013/2019, Projeto Urbanização Contemporânea: Reestruturação e Desigualdades socioespaciais, Edital PRONEX/FAPESq/CNPq; do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Recursos para pesquisa e Bolsa); e apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES (Bolsa de pesquisa).

1 | INTRODUÇÃO

Nos estudos urbanos, os escritos sobre a área central das cidades não são novidade. Porém, a sua importância permanece nas mais diferentes perspectivas teórico-metodológicas, afinal elas são ou representam o core da cidade. No Brasil, pesquisas foram realizadas na geografia, no urbanismo, no planejamento, na antropologia, dentre outros campos do conhecimento, tendo como objeto empírico, principalmente as grandes cidades e metrópoles, o que é “previsível”, pois foram nestas cidades que os processos de transformação e de efervescências da vida urbana eclodiram. Contudo, no campo da Geografia, já nos anos 1950, Milton Santos publica um artigo no Boletim Paulista de Geografia que deriva da sua tese de doutorado, em que trata do centro da cidade de Salvador.

No campo da geografia, uma outra contribuição que se tornou leitura básica é “Espaço Urbano” de Roberto Lobato Correa dos anos 1980. Apesar de não se tratar de uma obra que aborde especificamente o centro da cidade, o autor apresenta de forma sintética e clara como se dão os processos de centralização e descentralização no espaço urbano. A discussão mais geral fundamentada em clássicos da literatura urbana conduz o leitor para a compreensão desses processos na realidade brasileira.

Essas duas obras tantas vezes lidas e utilizadas na nossa prática em sala de aula, nas orientações e nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas, pode-se dizer que são as principais responsáveis pelo nosso interesse em analisar os centros das cidades brasileiras, particularmente, das cidades médias. Cidades médias entendidas nos termos já

apresentados e discutidos por vários autores. (Corrêa, 2007; Sobarzo, 2008; Sposito *et al.*, 2007; Sposito, 2007; Maia, 2010).

A ideia do texto ora produzido por quatro mãos surge de produções anteriores, desde a escrita dos capítulos que compõem a coletânea Centro e Centralidade (Maia, Silva, Whitacker, 2017), uma das produções da Rede de Pesquisadores sobre Cidades Médias, à publicação de artigos resultantes das pesquisas que trataram dos centros das cidades médias e das reflexões realizadas a partir de resultados das investigações das autoras.

No conjunto das cidades médias brasileiras, observa-se que o núcleo antigo das cidades ainda apresenta uma forte centralização e que se constitui como principal área de consumo, como também continua como centro religioso e político, além de se manter como lugar de encontro e das festas. Para a análise ora pretendida foram eleitas as cidades de Campina Grande na Paraíba e Caruaru em Pernambuco. A escolha da área central destas duas cidades como recorte espacial deu-se sobremaneira pela constatação de que nestas, apesar da constituição de outras centralidades, a área central continua a exercer o papel de principal centralidade. Além disso, observa-se que nestas mesmas áreas, nos últimos anos foram introduzidas outras dinâmicas imobiliárias, promovendo transformações na morfologia, na tipologia e nos usos. Há, portanto, um movimento aparentemente contraditório, em que por um lado tem-se a saída de alguns serviços e estabelecimentos comerciais para outros espaços de consumo, a exemplo do shopping

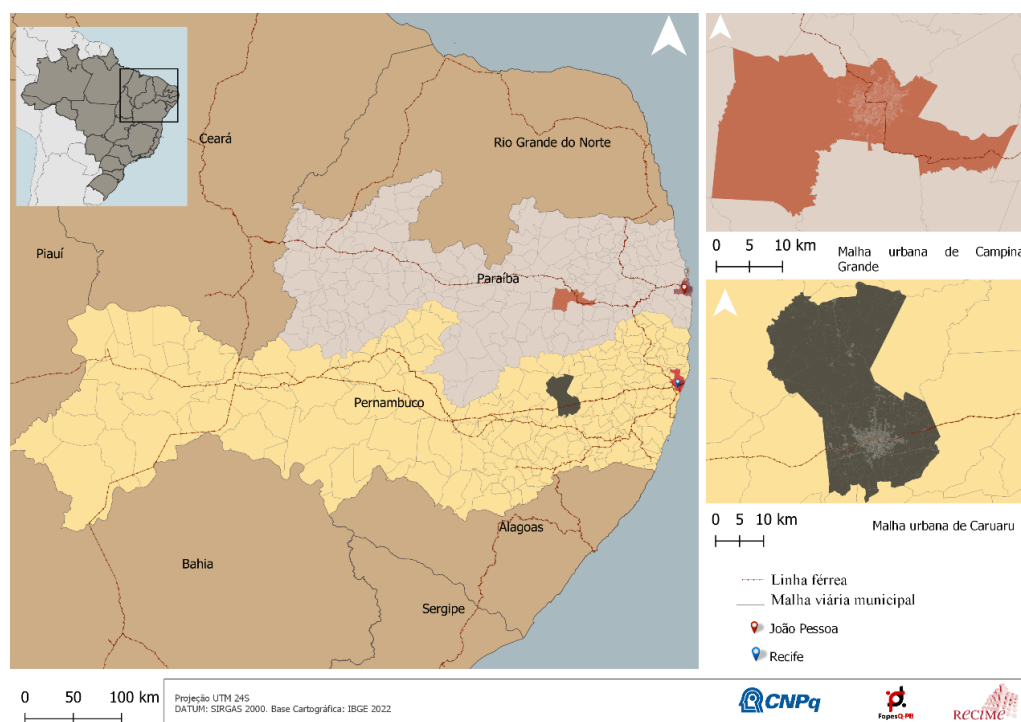
center, constituindo muitas vezes o que se evidencia em tantas outras realidades brasileiras, e, por outro lado, há a construção de novos empreendimentos imobiliários se não no core da área central, no seu entorno, predominantemente residenciais. Tais movimentos evidenciam, por sua vez, as disputas e os conflitos políticos, entre o investimento imobiliário e as normativas urbanas vigentes.

Dado o exposto, o objetivo principal do artigo é analisar a área central ou o Centro das duas cidades, Caruaru em Pernambuco e Campina Grande na Paraíba no Nordeste brasileiro (Figura 1), recuperando o processo de formação, e a sua dinâmica atual, considerando as atividades, a morfologia e o como se dá o uso desta área, verificando ainda as normativas que regem estas áreas. Para a compreensão e análise da temática, A escolha das duas cidades deu-se não somente pela constatação da importância dos seus centros, mas também por algumas convergências

na sua história: as duas cidades estão situadas no Agreste nordestino, as suas origens derivam da atividade pecuária e do estabelecimento de um local de pouso, ambas possuem historicamente importantes feiras, além de representarem o que se denominou de Bocas de Sertão (Maia, 2017).

Para além das convergências nos processos de urbanização, algumas observações feitas enquanto exercício metodológico, reforçam as consonâncias entre as duas realidades: forte dinâmica comercial na área central, constituição de novas centralidades no processo de expansão urbana e a importância das festas de São João no mês de junho que promovem a atividade turística e os investimentos na estrutura urbana. Estamos falando, pois, das particularidades destas cidades na realidade urbana brasileira. Contudo, há singularidades que precisam ser assinaladas. Assim, pode-se deduzir que se trata de um estudo

Figura 1 – Campina Grande-PB e Caruaru-PE. Localização no nordeste brasileiro.



Fonte: Base de dados IBGE. **Elaboração:** Autoria própria, 2024.

comparativo, fundamentado nos princípios elucidados por Sposito (2022), mais especificamente: quantidade x qualidade; e universal, particular e singular, que por sua vez constituem o conjunto de fundamentos que Lefebvre apresenta ao escrever sobre a Lógica Concreta ou Dialética. (Lefebvre, 1991). Entretanto, como bem alerta Sposito, “a ideia de comparação não tem valor em si. Ela não pode ser tomada a priori como princípio de pesquisa, mas pode sim ser ferramenta importante, na medida em que a construção do problema e a definição do objeto (dois planos associados, ainda que diversos entre si) assim o ensejem.” (Sposito, 2022, p. 186).

A convergência de similaridades nos processos de urbanização dessas cidades foi registrada em obras clássicas, como os textos de Maria Francisca Teresa Cardoso publicados na Revista Brasileira de Geografia (Cardoso, 1963; Cardoso 1965), como também foi objeto de discussão em algumas produções anteriores da ReCiMe, a exemplo de Maia e Xavier (2022). A constituição das respectivas áreas centrais apresenta consonâncias que definem as particularidades, mas também se percebem singularidades que merecem ser identificadas.

Para alcançar o objetivo proposto, partiu-se da relação entre o processo de urbanização brasileiro e a constituição da área central, considerando as universalidades, mas principalmente evidenciando as particularidades, algumas já registradas nas cidades estudadas pela ReCiMe, em especial as que se constituíram enquanto cidades Boca de Sertão, como também as singularidades de cada uma (Maia, 2017). Posteriormente, os centros dessas cidades são apresentados a partir de exercícios de observação.

Nessa perspectiva, o artigo estrutura-se em quatro momentos: em um primeiro, apresenta-se como se deu a origem das cidades no contexto da urbanização brasileira; o segundo trata da constituição das áreas centrais e a relação com a inserção dos equipamentos modernos nas mencionadas cidades, posteriormente, traz-se informações a respeito do surgimento de novas centralidades e, por fim, mostra-se registros das observações feitas em campo para subsidiar a discussão sobre a realidade dos seus centros.

2 | POUSO, FEIRA E PRIMEIROS INDÍCIOS DA MODERNIZAÇÃO: OS PRIMÓRDIOS DA URBANIZAÇÃO E DO PROCESSO DE CENTRALIZAÇÃO EM DUAS BOCÁS DE SERTÃO

No processo de conformação das cidades interioranas do Brasil colonial, a maior parte dos núcleos urbanos tiveram origem ao longo de cursos d'água ou mesmo em caminhos que se constituíram como rotas para as passagens de gado. O traçado e a configuração inicial desse espaço exaltavam a Igreja e a administração política. Esse traçado era marcado por lotes estreitos, alongados e edificações sem recuos, que no seu conjunto, ao longo de um eixo inicial formaram as primeiras ruas do núcleo urbano (Reis Filho, 2014).

A cidade era assim constituída pelo espaço da igreja, o largo/prça central e a área da feira, compondo uma morfologia compacta e uma vida urbana que acontecia de forma mais integrada (Maia, 2009). Essa conformação inicial passa a concentrar os serviços e as diferentes atividades exercidas no nucleamento urbano, sendo a zona mais disputada do povoamento, dada a concentração da administração pública, dos templos e das residências da elite local. Com o adensamento da cidade, a expansão da malha urbana e os ideais higienistas que determinam a implantação de lotes maiores, esse núcleo inicial se constitui enquanto uma área de serviços e comércio, ou seja, de forma bastante simplificada, vai se conformando a área central. (Corrêa, 2009).

O processo de centralização mostra-se por sua vez, associado ao de modernização analisado por muitos estudiosos do campo da História, da Geografia, da Arquitetura e Urbanismo, dentre outros. Como já discutido, tal processo está associado à Modernidade, temática também trabalhada com profundidade em obras clássicas, entre as quais destacamos: “Tudo que é sólido se desmancha no ar” de Marshal Berman e “A Modernidade” de Henri Lefebvre. Toma-se estas aqui, por comporem as bases do nosso entendimento e apresentadas em outros escritos sobre a cidade no século XIX e princípio do XX. (Maia, 2016; Maia, 2019). Como bem sintetiza Capel (2019), o processo de modernização inclui muitos aspectos, entre eles, alguns sociais e políticos: “el desarrollo económico, el crecimiento de la población y la transición demográfica, la diversificación social, la constitución de una sociedad con clases, la implantación del Estado liberal, o nuevas formas de vida social y de mentalidad”. (Capel, 2019, p. 8). Acrescenta o autor:

La modernización está vinculada a la aceptación del cambio como algo positivo, y la actitud favorable a él por parte de las elites, difundida luego a diferentes grupos sociales. Tiene que ver también con las consecuencias de la Primera y Segunda Revolución Industrial y está vinculada a la idea de progreso y la aceptación del avance científico y técnico. (Capel, 2019, p. 8)

Assim como em outros países da América do Sul, no Brasil, o processo de modernização se introduz no século XIX, mais propriamente nas últimas décadas. Tal período corresponde ao que Santos (2009) denominou de meio técnico, caracterizado pela inserção da mecanização, ou quando se observa a “emergência do espaço mecanizado”. Explica o autor: “Os objetos que formam o meio não são, apenas objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do ‘natural’ e do ‘artificial’. Mas o número e a qualidade de artefatos variam. “As áreas, os espaços,

as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos.” (Santos, 2009, p. 236).

No que diz respeito ao Brasil, Santos e Silveira (2010), observam que no século XIX, mais propriamente no final desta centúria, a mecanização é introduzida na produção, a exemplo do açúcar e depois no território com a navegação a vapor e as estradas de ferro. Tal período corresponde a uma transição marcada ainda pela herança colonial. É entre as primeiras décadas do século XX até os anos 1940 que, segundo os autores, identifica-se a consolidação do período técnico, quando “se estabelece uma rede urbana brasileira de cidades, com uma hierarquia nacional e com os primórdios da precedência do urbanismo interior sobre o urbanismo de fachada”. (p. 37). Na compreensão dos mesmos, é nesta época que se dá o “começo da integração nacional e um início da hegemonia de São Paulo, com um crescimento industrial do país e a formação de um esboço de mercado territorial localizado no Centro-Sul”. (id. ibd).

Destaca-se a observação feita nessa obra para o período, quando ocorre a mudança do tempo “natural” que ainda caracterizava o território brasileiro, passando a constituir “um novo mosaico: um tempo lento para dentro do território que se associava a um tempo rápido para fora”. (Santos e Silveira, 2006, p. 37). Esta nova combinação de tempos que se contrapõem, se dá principalmente pela expansão do capitalismo, com a introdução do maquinário fabril, do telégrafo, das ferrovias e da modernização dos portos.

No decurso 1920 a 1950, conforme descreve Geiger (1963), alguns fatores caracterizam a urbanização brasileira: a industrialização que impulsiona o crescimento urbano; a instalação de novos ramais ferroviários e a abertura de novas rodovias favorecendo o mercado interno e a maior integração “do conjunto urbano”; maior diferenciação e hierarquização na rede urbana, “do pequenino centro local à capital regional”; maior diversificação de centros urbanos, particularmente em função da atividade industrial, concentrando-se na região Centro-Sul. Ainda conforme o autor, na Região Nordeste, “a estrutura urbana guardou maior quantidade de elementos da herança colonial”, menor número de cidades médias e onde se guardam “os traços fisionômicos do passado”. (Geiger, 1963, p. 105).

A inserção e a consolidação do meio técnico nos termos de Santos (2009), apresentados de forma genérica nos parágrafos anteriores, somados às caracterizações da rede urbana de Geiger (1963), condizem com o que se compreende como o processo de modernização que se dá no território brasileiro de maneira mais abrangente, e, particularmente nas cidades como já indicado pelos autores. Lembrando que o processo de modernização está diretamente associado à introdução de novas técnicas, além das mudanças políticas e sociais mais abrangentes, como os novos sistemas de comunicação através dos jornais, dos correios, do telégrafo, e, vale repetir, do transporte ferroviário. Desta forma, fato é que, como expressa Capel, “El papel de las ferrovías fue muy importante en el proceso de modernización. Son numerosas las innovaciones que se aplicaron en ellas, y que tuvieron una fuerte incidencia sobre la sociedad y sobre el espacio urbano” e registra: o abastecimento de água, o esgotamento sanitário, a iluminação, as instituições e serviços de educação e de saúde, além

dos transportes sobre trilhos. (Capel, 2019, pp. 8-9). Ressalta ainda o autor, que a modernização está vinculada a uma ideia e a aceitação de mudança por algo positivo, relacionada, portanto, ao progresso.

No Brasil, a aspiração pelos equipamentos e urbanismo modernos se concretiza inicialmente na capital do país, a cidade do Rio de Janeiro, onde se dá a primeira grande operação de reforma urbanística inspirada no projeto de Paris, ou no modelo de haussmannização (Picon, 2001). A aspiração pelo moderno ou pela modernidade corresponde a um projeto de cidade burguesa, isto é, se “trata de un largo período histórico durante el cual se asiste a un proceso intenso de transformación territorial a la que es sometida la ‘ciudad tradicional’.” (Alvarez Mora, 2022, p. 83).

Corrêa (1989) conforme já mencionado apresenta o processo de centralização e a sua forma espacial resultante: a Área Central. A conformação da área central vai se dando desde o período pós Revolução Industrial e que no decorrer do século XIX vai se consolidando e se intensificando. Tal processo não se restringe às cidades europeias, como também já explicitado, instalando-se inicialmente nas grandes cidades dos países economicamente dependentes ou periféricos, como o Brasil.

Na Região Nordeste, nas primeiras décadas início do século XX, a economia ainda era predominantemente agropecuária e a economia do algodão continua sendo relevante, tornando-se o principal impulsionador do crescimento das cidades que apresentavam alguma centralidade na rede urbana, dentre estas, as aqui tratadas, quais sejam, Campina Grande e Caruaru. Neste período, ainda não se observa a conformação de uma área central, porém, a inserção dos denominados equipamentos modernos e alterações na morfologia e na estrutura da cidade que estimulam a concentração de atividades comerciais e de serviços, por conseguinte, a formação da área central.

3 | EQUIPAMENTOS MODERNOS, CONFORMAÇÃO DA ÁREA CENTRAL: CAMPINA GRANDE E CARUARU NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Campina Grande recebe incrementos “modernos” nos anos 1920, tais como a iluminação pública nas principais ruas e dois cinemas, e, nos anos 1930, este movimento de “modernização” prossegue com a construção de escolas públicas e o início das obras de abastecimento d’água, inaugurado somente em janeiro de 1940. Há, contudo, que se memorar que entre 1930 e 1945, a cidade passa por uma reforma urbanística também promovida pelo capital algodoeiro e a “expansão do espaço físico da cidade muito impressiona. O número de edificações, 731 em 1907, passou, nesse período, para 8.662 (1940). E a população, de 17.041 habitantes, saltou para 126.443 habitantes”. (Maia, 2017, p.118). É então quando se constata a concentração de atividades comerciais e de serviços nas ruas transformadas pela Reforma Urbanística, tais como a Maciel Pinheiro e a Praça João Pessoa, promovendo, por sua vez, a conformação de uma área central. Área esta que se expande até as ruas “Dr. João Leite, Marquês do Herval, Irineu Joffily e da República, passando pelo Açude Velho até chegar à estação ferroviária”. (Id. Ibidem). Além das modificações nas ruas já existentes, outras são abertas, no formato de uma larga avenida, como a avenida Floriano Peixoto (Figura 2).

Figura 2 – Campina Grande. Avenida Floriano Peixoto, 1942.



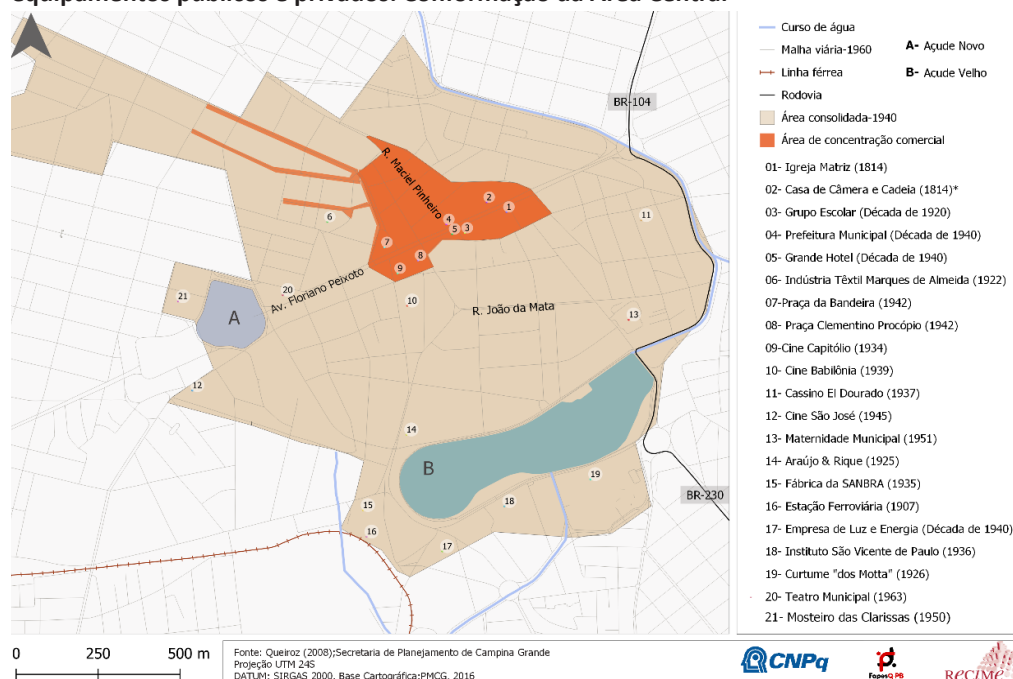
Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: <https://cgretalhos.blogspot.com/search?q=centro+em+1942>

As modificações são estruturais, as ruas são alargadas, calçadas, iluminadas e, as edificações completamente substituídas por edifícios no estilo *art déco* com no mínimo dois pavimentos. De fato, esta operação urbanística, assim aqui denominada considerando o período ocorrido, foi não só um marco no processo de urbanização de Campina Grande, como se tornou um fator determinante para a consolidação da sua área central, conforme atesta Queiroz (2008):

Os sobrados construídos transformaram as principais ruas centrais em majoritariamente comerciais e de serviços, geralmente com loja embaixo e depósitos ou salas comerciais em cima, e foram o resultado dos esforços que agiram em prol da separação das funções urbanas no município. (Queiroz, 2008, p. 197).

O núcleo primaz de Campina Grande, como definiu Maia (2017), se insere na área onde foi havendo a concentração de estabelecimentos comerciais e de serviços, bem como onde se realizava a feira semanal (Figura 3). Certamente que a Reforma Urbanística mencionada reforça o movimento que já vinha se constituindo desde o período de maior acúmulo de capital com a atividade algodoeira. A partir deste momento, observa-se alguns eixos de expansão, como a Rua João da Mata e seu entorno, que passam a ser locais das novas residências, onde “grande parte das construções novas e reformadas incorporou recuos, jardins, terraços, varandas, janelas em todos os ambientes, pátios e poços de iluminação” (Queiroz, 2008, p. 138).

Figura 3 – Campina Grande. Área Urbana consolidada em 1940 e a área de concentração equipamentos públicos e privados: Conformação da Área Central



Elaboração: Autoria própria, 2024.

As intenções do poder público eram claras em suas normativas edilícias para a implementação da reforma. De acordo com o Decreto nº 49/1935, incentivos fiscais eram dados para os imóveis que possuíssem mais de 2 pavimentos nas principais vias da cidade localizadas no antigo núcleo primaz, incentivando, por sua vez, a concentração comercial. Ao mesmo tempo, o referido decreto, determinava a isenção de IPTU por 5 anos para os imóveis térreos que ocupassem lotes maiores na Rua João da Mata e proximidades do Açude Velho.

O entorno do Açude Velho (Figura 4) abrigava atividades industriais em função da localização da estação ferroviária. Trata-se, pois, de uma área onde se encontravam as duas grandes indústrias algodoeiras, a Sanbra e a Anderson Clayton, armazéns, curtumes, dentre outros. O incentivo habitacional foi reforçado pela construção do cais circular no Açude Velho, tornando-se local de encontro, como afirma Santos (2018). Segundo o autor, desde então, o açude, além de ser utilizado para banho público, passa a ser “a ser palco de encontro da sociedade campinense” (Santos, 2018, p. 55). Nas novas áreas loteadas que compreendem o entorno da Rua João da Mata e o Açude Velho, na planta desses loteamentos faz-se menção a inserção de clubes que ocupavam lotes maiores, como o Aliança Clube, Campina Tênis Clube e Clube dos 200.

No entanto, o outro lado do Açude Velho, a porção Sul, continua a abrigar “atividades produtivas consideradas insalubres” como as fábricas, mas também recebe outras instalações como a Empresa de Luz - antes localizada na área da Praça Clementino Procópio - em 1940, já nas proximidades da estação ferroviária (Queiroz, 2008, p. 98).

Figura 4 – Campina Grande. Açude Velho em 1938 e em 1942, após a construção do Cais Circular.



43. Fábricas e prensas de algodão às margens do Açude Velho. Fonte: Arquivo Humberto Nóbrega - Unipê (Acervo pessoal Francisco Sales Trajano Filho).

Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em: [Disponível em: https://cgretalhos.blogspot.com](https://cgretalhos.blogspot.com)

Nota-se que a estação ferroviária foi elemento importante na estrutura urbana ora tratada. Historicamente, tal edificação significou em muitas cidades, uma edificação de destaque. No Brasil há exemplos expressivos não só nas maiores aglomerações, a exemplo da Estação Central do Rio de Janeiro e da Estação da Luz em São Paulo, mas também as estações de Sorocaba (São Paulo), a de Poços de Caldas (Minas Gerais) e mesmo a da cidade do Crato no Ceará, cujas edificações se mostram imponentes considerando a escala das cidades. O destaque dessas edificações dava-se não somente pela grandeza do edifício, mas também pela sua significativa importância na estrutura e na dinâmica urbana, conformando muitas vezes centralidades.

Quando se trata das cidades bocas de sertão pesquisadas por Maia (2017), verifica-se que as estações ferroviárias exerceram papel significativo na expansão urbana, e ainda na constituição de áreas centrais. A autora, ao analisar a conformação das áreas centrais de Campina Grande, Uberlândia em Minas Gerais, São José do Rio Preto em São Paulo, Londrina no Paraná e Passo Fundo no Rio Grande do Sul, ressalta a importância não somente da implantação da ferrovia, mas, particularmente, das estações ferroviárias nestas cidades, enquanto elemento que favorece a formação das suas respectivas áreas centrais. Escreve:

Há, por conseguinte, implicações diretas da instalação da ferrovia sobre a morfologia da área do Núcleo Primaz, uma vez que, nos casos analisados, a linha férrea foi construída em área não coincidente com o seu núcleo original, mas nas proximidades dele¹, e impulsionou a conformação de uma Área Central, ou simplesmente Centro (Maia, 2017, p. 141).

Para além da ferrovia, vale reforçar que a dinâmica e a expansão urbana de Campina Grande, foram favorecidas pela feira, tanto de gêneros alimentícios e de utilidades diversas, como a feira de gado. Vários estudos já trataram da importância da feira para o seu crescimento econômico (Costa, 2003; Diniz, 2004). De fato, a feira não só constituiu uma atividade comercial de suma importância,

¹ Proximidades estas identificadas atualmente, uma vez que as distâncias se modificam com o processo de urbanização e com os incrementos das técnicas.

mas também da vida social, cultural e política. Se em Campina Grande, a feira articulada à pecuária, ao transporte ferroviário, ao comércio do algodão e à instalação de indústrias, representa um elemento impulsor da economia e do seu crescimento urbano, em Caruaru, tais atividades também constituem as forças que impelem a sua economia e a sua urbanização.

Caruaru, de modo similar à Campina Grande, teve seu crescimento associado diretamente à atividade pecuária e à economia algodoeira, esta última, mais dependente das oscilações do mercado internacional, apresentando momentos de alta e outros de declínio². Assim, nas primeiras décadas do século XX, mais precisamente no ano de 1929 tem-se a instalação da indústria Boxwell, uma fábrica de tratamento da fibra de caroá, que se soma a outras fábricas e usinas, muitas delas voltadas ao beneficiamento do algodão. Tais estabelecimentos se encontravam, em sua maioria, nas proximidades da estação ferroviária, fomentando o crescimento da cidade em sua direção (Maia, 2023). O impulso das atividades agrícolas, “como o algodão, couro, sisal, milho, café e fibra de caroá” promovem uma outra dinâmica urbana, nas palavras, de Veridiano dos Santos (2006):

um surto urbano e comercial a partir do qual certos grupos proprietários souberam se articular para fornecer a centros urbanos como Recife a produção local e, em contrapartida, adquirem daquela capital produtos e novidades a que as populações do interior pudessem ter acesso, ou prestar serviços que as condições econômicas e a vida citadina exigiam (Santos, 2006, p. 26).

Neste ínterim, com base no referido autor, são abertas “novas ruas, redesenhando a cidade, sobrados, casas comerciais, serviços de higiene, código de postura, associados a um conjunto de práticas sociais diversas” na primeira metade do século XX. (Santos, 2006, p. 26). Assim, apesar de Caruaru não ter passado por uma reforma urbanística, capaz de modificar radicalmente a morfologia e a estrutura do seu núcleo original, tal como ocorreu em Campina Grande, verifica-se uma maior intensidade de ações, inserção de novos processos e aspirações modernistas que também favorecem o seu crescimento e a conformação de uma área central.

Um dos elementos que marca essas mudanças, no sentido da cidade se modernizar, é o cinema. Na primeira metade do século XX, segundo Frank Junior, é inaugurado em 1922, o Cine Theatro Rio Branco, que nos anos 1930 é reformado, sendo reinaugurado com o nome de Theatro Avenida. Outros cinemas surgem neste período, como o Cine Theatro Cauaru em 1939 e, em 1947 o Cine Theatro Santa Rosa. Todos estes localizados nas principais ruas da cidade. O primeiro na Rua da Matriz, “ao lado da Pastelaria de João Ferreira”, o segundo na Praça José Martins, e o terceiro na Praça Pedro de Souza. Tais impulsos irão se intensificar nas décadas seguintes. (Figura 5).

2 Os períodos de maior alta da economia algodoeira no Nordeste brasileiro estão diretamente associados aos eventos internacionais, tais como: A Guerra Civil Americana (1861-1865), quando a produção de algodão daquele país foi interrompida, criando uma grande demanda por algodão em outros mercados; a Primeira Guerra Mundial (1914 - 1918) já que a obtenção de algodão tornou-se difícil para a indústria europeia dada as interrupções no comércio internacional, e, embora com menor intensidade, a Segunda Guerra Mundial (1939 - 1945), por também ter provocado grandes alterações na economia mundial e, mais fortemente europeia.

Figura 5 – Cine Theatro Rio Branco, Cine Theatro Caruaru e Cine Theatro Santa Rosa, respectivamente. Fonte: Um breve Histórico dos cinemas de Caruaru.



Fonte: <https://medium.com/a-ponte/um-breve-hist%C3%B3rico-dos-cinemas-de-caruaru-2b369a42ba48> [Acesso em 15 de novembro de 2023].

Entre 1930 e 1933, observa-se a formação do que se constituirá um eixo de expansão da referida cidade. A Avenida Agamenon Magalhães enquanto vetor de expansão que ultrapassa a linha férrea, foi se consolidando com a formação do Bairro Maurício de Nassau (Calado, 2023). O início da ocupação desse espaço se dá com o Hospital São Sebastião, inaugurado em 1939 e a implementação de infraestrutura, sobretudo na via principal, a mesma Agamenon Magalhães. Esta se projeta enquanto símbolo da modernidade, onde serão construídas instituições como o Colégio Diocesano, Estádio do Central, Rádio Difusora, Casa de Saúde Bom Jesus e o Hospital Santa Efigênia (Calado, 2023). Tais edifícios foram essenciais para o fortalecimento desse novo vetor de expansão e para a atração de mais serviços para a área, fortalecendo a centralidade dessa avenida no espaço intraurbano. Acrescenta-se, que assim como Campina Grande, os edifícios públicos construídos nas décadas de 1930 e 1940 seguirão o padrão arquitetônico art déco, considerado na época o estilo moderno. Os edifícios do Hospital São Sebastião, a Cadeia Pública e o Lactário Amélia de Pontes são alguns destes exemplares (Brasileiro *et al.*, 2019). (Figura 6).

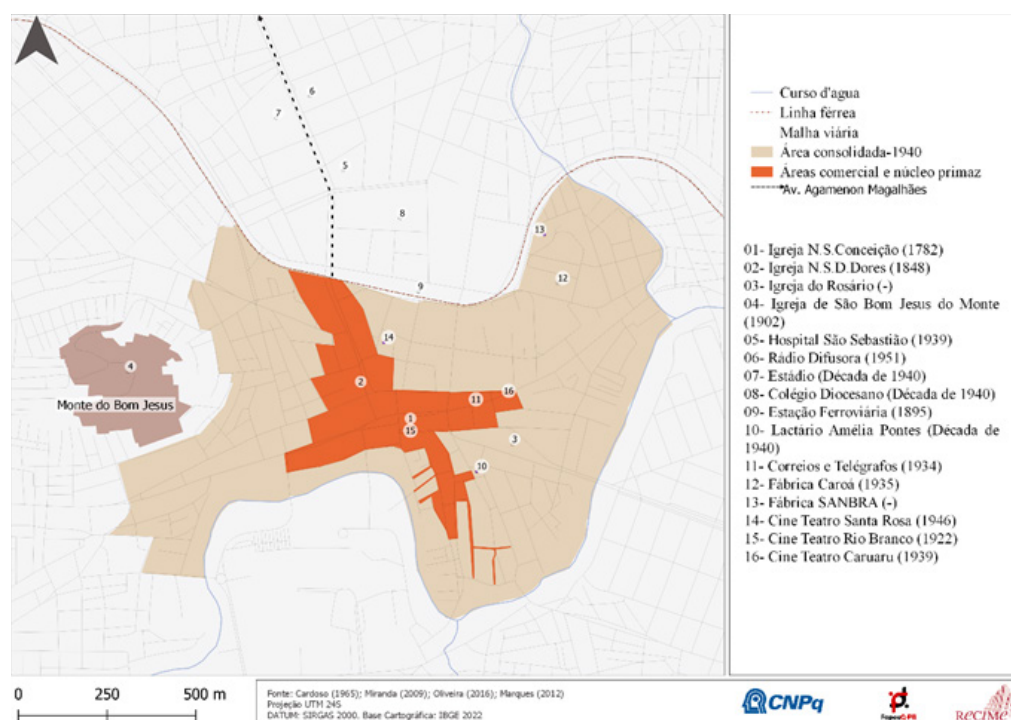
Figura 6 – Lactário Amélia Pontes na década de 1950.



Fonte: Brasileiro *et al.*, 2019.

À medida que se avança nas leituras e no conhecimento sobre o processo de urbanização de cada uma das cidades aqui tratadas, algumas singularidades se sobressaem. Uma delas oriunda da própria conformação geomorfológica, que, no caso de Caruaru se apresenta de forma peculiar, dada a presença do Morro Bom Jesus, que inicialmente se constitui enquanto um limite, e mesmo uma barreira para a expansão da cidade em sua direção, e que vai sendo ocupado pela população de baixa renda, de maneira similar a tantas outras cidades brasileiras. De acordo com Oliveira (2016), a área central de Caruaru estrutura-se em espaço delimitado por “quatro barreiras, sendo três barreiras naturais e uma artificial: o Rio Ipojuca ao sul, a Linha Férrea ao norte, o Morro Bom Jesus ao oeste, e um riacho afluente do Rio Ipojuca ao leste (Figura 7). Tais limites definem atualmente o Bairro Central, ou Nossa Senhora das Dores” (Oliveira, 2016, p. 60).

Figura 7 – Caruaru. Área consolidada em 1940 e distribuição de equipamentos públicos e privados.



Elaboração: Autoria própria, 2024.

As décadas subsequentes 1940 e 1950, como é de conhecimento geral, demarcam o período de grande impulso no processo de urbanização brasileira, em função da política direcionada à industrialização, ao movimento migratório rural – urbano, e à consolidação de um mercado nacional. Nas décadas de 1960 e 1970, a dinâmica urbana se intensifica, imprimindo no território brasileiro as discrepâncias regionais determinadas pela divisão territorial do trabalho (Santos, 1993). Se as cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, bem como as capitais dos estados recebem um incremento populacional grandioso, outras que já se constituíam enquanto centralidades regionais terão um crescimento populacional destacável e uma expansão do tecido urbano inusitada. Neste conjunto, se encontram Campina e Caruaru.

A partir das informações obtidas nas referências bibliográficas e nos documentos pesquisados, dentre estes os anuários estatísticos, catálogos das associações comerciais e alguns jornais, verifica-se que os anos 1950 representam um período de consolidação das áreas centrais das respectivas cidades. No

exemplar da Enciclopédia dos Municípios (IBGE, 1960), registra-se que Campina Grande, apesar de apresentar um maior quantitativo da população ativa municipal no “ramo agricultura, pecuária e silvicultura”, esta “não é essencialmente agrícola, pois, como cidade mercado, sua função é múltipla.” Acrescenta:

É interessante observar, porém como gravita sua vida econômica em torno do algodão que tem sua importância na safra municipal; a indústria têxtil, a primeira da comuna, o usa como matéria-prima; o comércio desse produto contribui com parcela importante da renda do município, visto como este o recebe de várias localidades. (IBGE, 1960, p. 237).

Este mesmo texto ressalta o papel de “centro distribuidor e posto classificador, não só para os municípios paraibanos como de outros estados”. (Id. Ibd). Conforme este mesmo documento, em 1956, havia 256 estabelecimentos industriais em Campina Grande.

Ademais, as prestações de serviços, classificados em serviços de confecção, conservação e reparação; serviços de alojamento, alimentação, higiene pessoal e de diversão e radiodifusão também se sobressaíam. Contudo, é a atividade comercial que mais se destaca nesta urbe, concentrando a metade do comércio atacadista do Estado da Paraíba. Além dessas atividades, os denominados “estabelecimentos de crédito” constituídos não somente de filiais dos bancos nacionais e de outros estados – Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banco da Lavoura de Minas Gerais, Banco do Nordeste do Brasil, Casa Bancária Magalhães Franco e Banco do Povo S.A; correspondiam “a 6 matrizes dos seguintes bancos e cooperativas: Banco do Comércio de Campina Grande S. A., Banco Auxiliar do Povo, Banco Industrial de Campina Grande S. A., Cooperativa Banco Mercantil Ltda., bem como 1 Metropolitana do Banco Industrial de Campina Grande S.A, localizada no bairro do Mercado.” (IBGE, 1960, p. 240).

Certamente todo este conjunto de estabelecimentos comerciais e de serviços somado ao setor bancário, e ainda impulsionado pela atividade industrial, promovem a consolidação da área central de Campina Grande, como bem expressa o volume da Enciclopédia dos Municípios de 1960. As impressões registradas nessa publicação enaltecem as características da “cidade moderna”, com a sua “dinâmica progressista” e artérias “largas e bem traçadas” (IBGE, 1960, p. 242).

No que diz respeito a Caruaru, em 1950, a atividade econômica municipal predominante era ainda a agropecuária. Porém, setores como o da indústria de transformação, a indústria têxtil e a indústria química, além da de vestuário e calçados se destacavam na sua economia. O comércio, desde a feira, sempre foi relevante. Em 1950, nessa cidade havia 300 estabelecimentos de comércio varejista e 34 do atacadista. O setor bancário se fazia presente com filiais do Banco do Brasil S.A, Banco Auxiliar do Comércio S. A., Banco Nacional de Pernambuco S. A., como também matrizes dos bancos Cooperativa Banco Popular de Caruaru Ltda., Cooperativa de Crédito Rural, Ltda. e Cooperativa Agropecuária de Caruaru, Ltda. (IBGE, 1958, p. 91). Neste mesmo período, os equipamentos urbanos como “água, luz, calçamento e telefone” encontravam-se instalados nos principais logradouros. Contudo, o destaque maior que se faz é a feira que se realizava em frente à igreja matriz às terças-feiras e aos sábados. Descreve o IBGE (1958):

É o comércio do caboclo, a festa do matuto, que aí vende seus produtos agrícolas e compra roupas, calçados (geralmente alpercatas), e tudo o mais de que necessita no campo. Em toldos improvisam-se restaurantes, onde são servidos pratos típicos: sarapatel, buchada, mão-de-vaca, carne-de-sol, etc. O povo se diverte e faz negócio (IBGE, 1958, p. 92).

Em artigo publicado pela Revista Brasileira de Geografia (1965), Cardoso analisa a centralidade regional de Caruaru e dedica um subcapítulo para tratar da sua “organização interna”. A autora chama a atenção para a constituição do centro regional que provoca “a ampliação e diversificação das funções do centro urbano”, além da expansão do espaço urbano como um todo e do surgimento de setores especializados na cidade. (Cardoso, 1965, p. 604-605). Acrescenta: “Este desenvolvimento todo ocasiona o aparecimento de um ‘centro’ no qual se reflete com maior intensidade o fenômeno urbano, dado o seu maior dinamismo”. Neste mesmo artigo, ela observa modificações “bem sensíveis” nesta área que denomina “centro”. Tais mudanças se dão com a “construção de novos prédios e remodelação de alguns outros, onde casas de comércio de preferência se instalam e, mais recentemente, novos bancos abrem suas portas.” (Cardoso, 1965, p. 605). O texto ainda nos fornece a delimitação desta área: “Este ‘centro’ compreende a área situada entre o morro Bom Jesus, os rios Ipojuca e Salgado, continuando-se do outro lado da linha férrea ainda pelo rio Salgado, ruas Prof. José Leão, São Paulo e Visconde de Porto Seguro” (Id. Ibid) (Grifo da autora). (Figura 6). Além de delimitar o contorno do que se constitui a área central de Caruaru nos anos 1960, registra as ruas de maior concentração comercial – Sete de Setembro, praça Coronel João Guilherme, Quinze de Novembro, Duque de Caxias, Martins Junior, rua da Conceição, Tobias Barreto, Guararapes, José de Alencar, praça Juvencio Mariz”. (Id. Ibid). E, para além dos estabelecimentos comerciais, nesta área também estão localizadas as agências bancárias, escolas de ensino médio, faculdades e os templos religiosos principais: a Catedral, a Igreja do Rosário e a da Conceição. (Cardoso, 1965, p. 69). Observe-se que nessa delimitação feita por Cardoso (1965), a linha férrea está inserida na área junto à estação, não coincidindo com o contorno apresentado por Oliveira (2016), como também este último autor não faz menção à Avenida Agamenon Magalhães, pois, como afirmado anteriormente, esta se constituía em um vetor de expansão.

No entendimento de Cardoso (1965), nesta mesma área observa-se uma “animação peculiar às cidades de certa categoria”, assim como uma maior circulação de ônibus, por ser o ponto inicial de várias linhas. E, por último, volta a registrar a importância da feira, para onde converge um número significativo não só de habitantes da cidade, como de pessoas provenientes das regiões próximas. Vale registrar que a feira neste período ocupava as ruas principais da cidade, como a Sete de Setembro, da Conceição, Tobias Barreto e a Praça Guararapes, coincidindo com aquelas anteriormente assinaladas como sendo as de maior expressão comercial e de serviços.

Atenta-se para a diferença nos direcionamentos da expansão da área que vai se consolidando enquanto área central. No caso de Campina Grande, verifica-se que, muito embora a estação ferroviária seja um atrativo para a expansão da sua malha, a estação e o pátio ferroviário não se incorporam à área central, estando próxima, mas à margem do seu perímetro. (Figura 7). A área onde estava a estação

ferroviária, como já registrado anteriormente, mais precisamente, a primeira estação³, concentrará estabelecimentos industriais, principalmente os destinados ao beneficiamento de algodão. A linha férrea demarcará muito nitidamente dois lados da cidade, antes e depois da via. Sendo esta última produzida de forma mais espontânea pelos trabalhadores que vão residir nas proximidades das indústrias, dada a possível oferta de trabalho.

Diferentemente, em Caruaru, já nos anos 1960, a área central expande-se em direção à estação ferroviária e ultrapassa a linha férrea, como explicita Cardoso (1965). Assim, muito rapidamente o tecido urbano ultrapassa a ferrovia, elemento que se constitui normalmente em um limite e/ou barreira para a expansão urbana (Santos y Ganges, 2011), mas que em Caruaru, de maneira peculiar se insere na área central. Assim, mesmo que tenha se constituído em um limite, este é superado, estabelecendo-se as passagens de linha.

As décadas subsequentes do século XX correspondem ao período de maior incremento no processo de urbanização brasileiro, promovido desde a política nacional de crescimento econômico, política habitacional conduzida pelo Banco Nacional de Habitação (BNH) e, pelo domínio do transporte rodoviário. Desta forma, a partir das décadas 1970 e 1980, as cidades brasileiras estabelecidas enquanto centralidades regionais na rede urbana, passam por uma expressiva expansão da sua malha urbana e populacional (Quadro 1). O sistema rodoviário torna-se dominante, substituindo o transporte ferroviário, conduzindo, por sua vez, o crescimento das cidades. Conforme Villaça (2009), o transporte rodoviário é mais flexível do que o ferroviário, “pois, em qualquer ponto ao longo da via, o potencial pode concretizar-se, ou melhor, pode concretizar-se a acessibilidade ao centro da cidade, sem transbordo, inclusive através de um simples ponto de parada que um ônibus interurbano faça na área rural próximo à periferia urbana.” Esse ponto passa então a ser servido por transporte urbano. Assim, uma via interurbana transforma-se rapidamente em uma via intraurbana (Villaça, 2009, p. 82).

Quadro 1 – População de Campina Grande e Caruaru entre as décadas de 1940 e 1980.

	1940	1950	1960	1970	1980
Campina Grande	126.139	173.206	204.583	195.145	247.827
Caruaru	73.455	102.877	105.135	142.653	172.532

Fonte: Censos Demográficos- IBGE. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br/

O autor acima citado esclarece que à proporção que a cidade vai crescendo, ela absorve trechos das vias regionais, como ocorreu com as rodovias, cujos antigos traçados foram incorporados ao espaço urbano consolidado, transformando-se em vias urbanas. Tal fato pode ser observado tanto em Campina Grande com a absorção do traçado da BR 230 que, posteriormente é “desviado” com a construção de um anel viário, localmente denominado de “alça” e a BR 104 que ainda hoje corta a cidade no sentido norte – sul.

³ A referência aqui se faz à primeira estação ferroviária em Campina Grande, instalada pela Companhia Great Western Rail of Brazil, atualmente conhecida como Estação Velha. Esta foi a única estação no período de 1907 a 1961, quando se inaugura uma outra estação, a Estação Nova. Esta nova estação é construída em um terreno mais amplo pela Rede Ferroviária do Nordeste, para atender o ramal instalado em 1957 que interliga Campina Grande à Patos. <http://www.estacoesferroviarias.com.br/paraiba/campina.htm> [Acesso em 20 de janeiro de 2024].

Para além do crescente fluxo rodoviário, da política de estímulo à indústria especialmente a partir da política da SUDENE, o dinamismo comercial de Campina Grande permanece como sendo o maior responsável pelo seu crescimento. Há que se registrar a expansão provocada pela política habitacional promovida pelo BNH que constrói conjuntos habitacionais em áreas até então rurais, fragmentando o tecido urbano. Calixto *et al.* (2022) afirmam que entre as décadas de 1960 e 1980, grande parte dos conjuntos habitacionais do BNH foi erguida em áreas distantes do centro da cidade”, em áreas muito próximas ou mesmo à margem das vias que ligam Campina Grande a outros municípios paraibanos e a estados vizinhos, como Pernambuco, demarcando a relação centro-periferia. Alguns dos empreendimentos situavam-se próximos ao acesso para Massaranduba (PB-095), João Pessoa (BR-230) e Queimadas (BR-104) (Calixto *et al.*, 2022, p. 5).

Caruaru, também caracterizada como centro de convergência de rodovias – PE-95 ao norte, BR-232 ao sul e BR-104 ao oeste – terá uma expansão não muito diferente da ocorrida em Campina Grande. Conforme informações contidas no exemplar Caruaru (1977), desde os anos 1970, verifica-se expansão da malha urbana para além desses eixos rodoviários, processo que se intensifica na década de 1980 com os conjuntos habitacionais construídos pelo BNH nas áreas sul e oeste. Valença (2018), confirma o crescimento no padrão centro-periferia e sintetiza:

No caso da área urbana de Caruaru, os limites físicos que a enquadravam foram sendo transpostos, com uma expansão periférica descontínua, através de loteamentos que direcionam as expansões futuras e a consolidação dessas áreas dava-se pela força de equipamentos urbanos e serviços e conjuntos habitacionais promovidos pelo Banco Nacional de Habitação – BNH (Valença, 2018, p. 42).

Muito embora existam diferenças entre os processos de expansão das cidades aqui analisadas, há similaridades, dadas pela centralidade regional, pela importância da feira no dinamismo econômico e na vida urbana.

Como já ressaltado, a feira compõe o conjunto de atividades comerciais, como também é um evento, em outras palavras, é um mercado onde não só se realizam negócios, se adquire alimentos e utensílios, sendo um acontecimento social que caracteriza ambas as cidades aqui tratadas. Assim, vale trazer alguns registros sobre a sua localização nas respectivas cidades.

Em Campina Grande, a feira tem origem “no sítio das Barrocas, arruado que se formou a partir do aldeamento Ariú, na margem esquerda do riacho das Piabas”, e quando o povoado se consolida, com a construção da igreja matriz em um ponto mais elevado, a feira passa a se realizar no seu largo. Posteriormente, “a localização da feira passou a ser uma questão de disputa de poder”. (Costa, 2003, p. 106). Em 1925, constrói-se um mercado público, com uma entrada pela rua Maciel Pinheiro e outra pela rua Barão do Abiaí. No conjunto de transformações na década de 1940, a feira passa a ser dissonante com as edificações modernas e os estabelecimentos comerciais voltados para a elite. Assim, em 1941, um novo mercado público é construído no bairro “das Piabas ou bairro dos Currais”, área contínua ao espaço modernizado. (Costa, 2003, p. 110). A feira vai se expandindo

pelas ruas adjacentes até a década de 1970, mantendo seu dinamismo nos anos 1980. Dessa forma, mesmo que tenha sido deslocada de uma das principais vias da área central, a feira fixa-se em área que posteriormente se incorpora ao centro como atesta Costa: “O Bairro das Piabas foi depois incorporado ao Centro da cidade, tendo desaparecido inclusive da memória” (Costa, 2003, p. 110).

A localização da feira de Caruaru também representa o dinamismo da atividade comercial, além da sua relação com a área central. A feira marca o início do agrupamento que dará origem à cidade. Esta, desde o princípio, realizava-se defronte à igreja matriz, que vai crescendo “e por isso passou, aquele local, a se chamar Rua do Comércio, mais tarde recebendo o nome de Praça João Guilherme de Azevedo”. (IPHAN, 2006, p. 25). Neste mesmo dossiê produzido pelo IPHAN registra-se que: “Em 1966, a Feira ocupava dois quilômetros do centro da cidade. Em 1975, a Feira do Troca-Troca localizava-se na Rua São Sebastião” (IPHAN, 2006, p. 36). Na década de 1980, as feiras de artesanato, calçados e vestuário que integravam a grande feira, foram transferidas para uma área externa ao centro, e em 1992 toda a feira passa a ser realizada em espaço a este destinado, o Parque 18 de maio, ao sul do rio Ipojuca. (Valença, 2018, p. 42). Tal movimento de constituição de novos espaços centrais é então impulsionado.

4 | EXPANSÃO E NOVAS CENTRALIDADES: QUANDO OS SHOPPING CENTERS SÃO INSTALADOS NAS DUAS CIDADES

As leituras e as análises dos mapas produzidos nos trabalhos consultados e listados nas referências bibliográficas mostram que nos últimos decênios do século XX, dá-se o surgimento do que se irá constituir enquanto novas centralidades. Em Campina Grande (Figura 08), além da transferência do terminal rodoviário interestadual em 1985 para área afastada do centro e próxima à saída da BR-230, no sentido leste e em 1990, tem-se a construção do Shopping Center. Este inicialmente denominado Iguatemi, posteriormente Boulevard Shopping e mais recentemente Partage Shopping constitui-se em um equipamento capaz de impulsionar a expansão da cidade na sua direção e, em muitas cidades promovem a formação de novas centralidades. (Ribeiro Silva, 2017). A respeito das repercussões dos shopping centers nas cidades brasileiras, e, particularmente nas cidades médias, Ribeiro Silva (2017) ao reunir os resultados das pesquisas desenvolvidas pelo conjunto de pesquisadores da ReCiMe, constata que os Shopping Centers:

[...] constituem novos equipamentos urbanos de concentração de atividades comerciais e de serviços, com gênese e processos não necessariamente relacionados ao centro principal. Apresentam fortes influências sobre a expressão da centralidade, sobretudo nas cidades médias, pois promovem a modificação de vetores de expansão e valorização, bem como de usos do solo em diferentes áreas da cidade. (Ribeiro Silva, 2017, p. 219).

O autor nesta mesma obra cita o Shopping Center Partage em Campina Grande e o Caruaru Shopping fundado em 1997. Na sua análise, relaciona os shopping centers com seus padrões locais, distinguindo dois grupos de

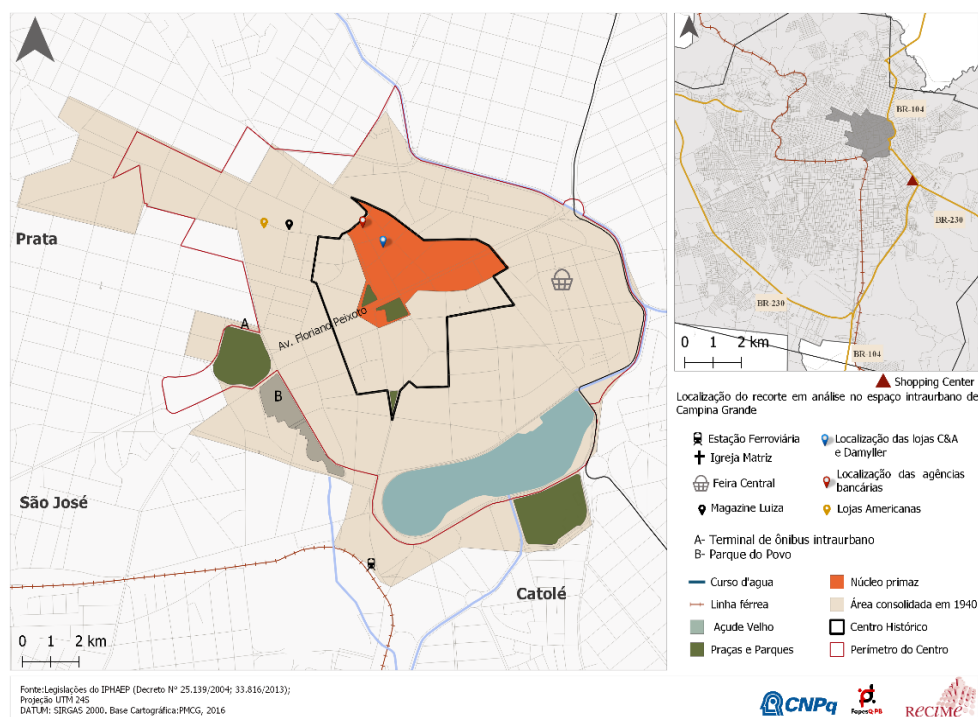
idades, conforme a localização destes empreendimentos: as das Cidades Médias Tradicionais e a das Cidades Médias de Padrão Complexo. As cidades tradicionais correspondem às que:

[...] tradicionalmente desempenham funções de capital regional, embora todas tenham, de modo geral, significativos processos de mudanças nas lógicas comercial e de localização dos estabelecimentos comerciais, de serviços e de lazer. Os centros principais, no entanto, são ainda fortemente hegemônicos nas expressões de centralidades e na concentração comercial”. (Ribeiro Silva, 2017, p. 260).

A respeito de Campina Grande, escreve:

A cidade possui um grande shopping center, localizado fora do centro principal, que não foi, porém, capaz de atrair uma gama de investimentos para constituir um subcentro regional. Assim, embora a cidade tenha recebido grandes investimentos, inclusive de capitais imobiliários de escala nacional, e tenha diversificado muito o consumo, em termos de estrutura urbana ainda conserva o padrão clássico de centralidade de forte densidade no centro. A localização do shopping center pode constituir um indício da formação de uma nova nucleação, mas ainda em gestação. Outro fator a ser destacado é que pertence a grupos locais, pelos quais é também administrado (Ribeiro Silva, 2017, p. 265).

Figura 8 – Campina Grande. Relação entre núcleo primaz-centro principal, centro histórico e shopping center.

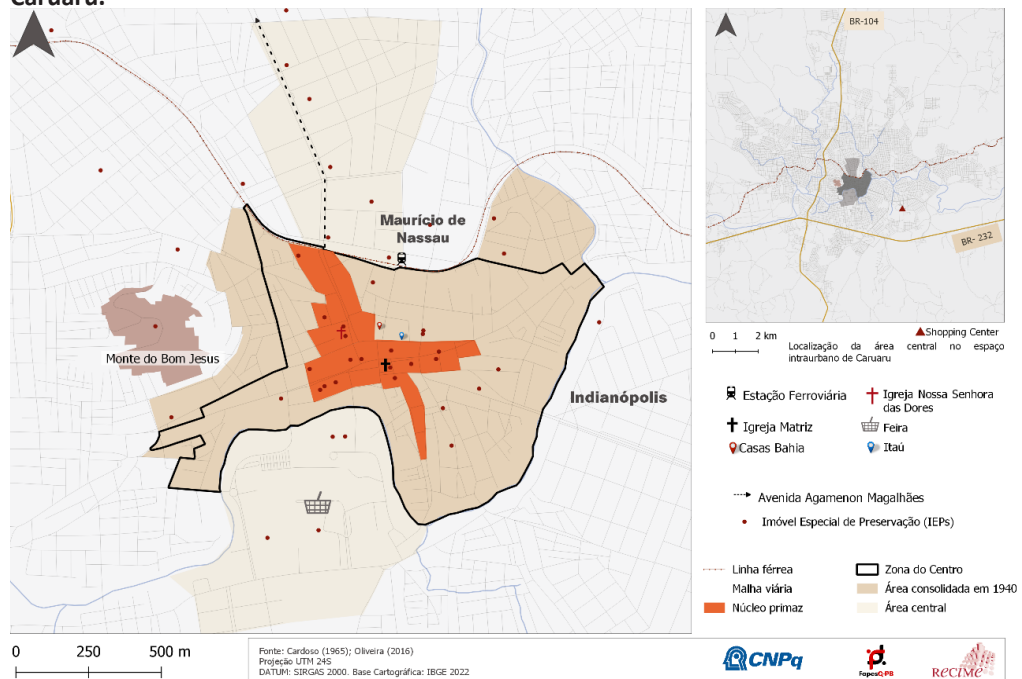


Elaboração: Autoria própria, 2024.

No que se refere à Caruaru (Figura 09), a despeito de não se ter resultados de análise mais apurada como os de Campina Grande⁴, pode-se a partir de alguns estudos tecer algumas constatações.

O Shopping Center Caruaru promove a expansão da cidade em sua direção, e, atrai a construção de empreendimentos residenciais verticais no bairro onde se localiza, o bairro Indianópolis. Oliveira (2016) ao delinear os setores de expansão da cidade, verifica que as “glebas à frente do shopping center fogem à regra, as que foram reparceladas para receberem equipamentos educacionais ou edifícios de alto padrão”. (p. 98). Este shopping, atualmente está integrado a um hotel (WA Hotel), “com perfil executivo”, além de um setor empresarial, o Caruaru Corporate, destinado a serviços médicos e educacionais⁵. Neste caso, muito embora não esteja no mesmo padrão dos shopping centers de Uberlândia e Ribeirão Preto analisados por Ribeiro Silva (2017), que condizem com o que o autor denomina de padrão complexo, ele difere-se do de Campina Grande que se mostra claramente como um exemplar tradicional. Em Caruaru, pelos estudos realizados por Oliveira (2016) e pelos levantamentos empíricos, o Shopping Center Caruaru promoveu alteração no padrão de loteamentos, impulsionando a construção de edifícios verticais de padrão mais elevado, como também possui a característica do que se denomina “Complexo”, reunindo outros grandes estabelecimentos como uma faculdade privada e um hotel, além de consultórios médicos e outros serviços.

Figura 9 – Relação entre núcleo primaz-centro principal, centro antigo e shopping center em Caruaru.



Fonte: Autoria própria, 2024.

As anotações aqui feitas - mesmo que de maneira genérica - a respeito da expansão das cidades e da possível constituição de outras centralidades, caracterizando o que Corrêa (1989) identifica como processo de descentralização, permitem afirmar que em ambas as cidades, a área central, ou o que também se

⁴ Campina Grande foi anteriormente estudada pela ReCiMe, tendo sido produzido um livro como resultado da pesquisa. (Sposito; Elias & Soares, 2013).

⁵ <https://www.caruarushopping.com/quem-somos/> [Acesso em 02 de fevereiro de 2024].

pode denominar de Centro Principal, ainda se constitui como sendo a principal centralidade.

5 | CENTRO PRINCIPAL: PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES

A exposição no subtítulo anterior permite entender como se deu a constituição das áreas centrais de Campina Grande e de Caruaru e identificar as consonâncias de ambos os processos. Nesta seção, tem-se como principal propósito, caracterizar tais centralidades na atualidade e apresentar os processos nelas encontrados, sejam as permanências, sejam as transformações, ou em outros termos, as continuidades e as discontinuidades.

Tal temática foi indicada por Corrêa (2009) como uma questão a ser enfrentada. Salgueiro (2013) destaca o processo de “avanço do centro para novas áreas” acarretando “o declínio das que são libertadas e abandonadas”, mas que do ponto de vista comercial pode haver mudanças nas áreas centrais, fomentando o surgimento de centros comerciais e galerias, além da possível “segmentação dos consumidores por estilos de vida e padrões de consumo.” (Salgueiro, 2013, p. 19). Tal processo também é analisado por Spósito (2013). A autora chama a atenção para as mudanças “importantes no processo de conformação” das centralidades urbanas das cidades médias, afirmando que: “O que se observa é que, no geral, as escolhas recaem sobre o centro principal ou sobre sua área de expansão imediata, não chegando a uma completa transformação efetiva na lógica centro-periférica”, reforçando, pois, as “suas estruturas monocêntricas”. Complementa observando que em algumas cidades, os centros principais passam por uma “renovação como decorrência do aumento do comércio de pequenos capitais, muitas vezes informal”, e ainda que nestas cidades muitos elementos do passado permanecem. (Spósito, 2013, p. 54).

Nos levantamentos de campo feitos em Campina Grande permitem afirmar a permanência de estabelecimentos comerciais significativos no centro da cidade, destacando-se as empresas varejistas de redes nacionais como C&A, Maísa, Arezzo, Hering, Damyler, Lojas Americanas e lojas de eletrodomésticos - Magazine Luiza, Casas Bahia e Laser Eletro -, além de outras de origem local. Observa-se também a permanência de supermercados nesta área, tanto na via principal, a avenida Floriano Peixoto, como outros pertencentes a redes locais nas imediações da feira livre. Acrescenta-se a continuidade da localização das sedes de instituições governamentais, como algumas secretarias municipais, de associações profissionais e a agência central dos Correios e Telégrafos. A igreja matriz (hoje Catedral Nossa Senhora da Conceição) permanece no lugar de origem, atual Avenida Floriano Peixoto, mas o seu largo, como anteriormente mencionado, foi ocupado por esta via no momento da reforma urbanística da década de 1935-1945. A convergência dos transportes coletivos também pôde ser verificada⁶ além da transformação do antigo terminal rodoviário interestadual em terminal rodoviário intermunicipal atendendo os municípios mais próximos desde o ano 1985. Verifica-se também um grande número de agências bancárias – Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Santander, Itaú e Bradesco – tendo alguns

6 Várias são as linhas de ônibus que trafegam pela Floriano Peixoto: Linha Marrom; Linha Azul; Linha Verde; Linha Vermelha; Jardim Verdejante; Linhas Distritais; Linhas Transversais – Amarela, Laranja e Branca.

mais de uma agência como o Bradesco; estabelecimentos de saúde – clínicas, laboratórios, e consultórios médicos –; hotéis e restaurantes que se encontram nas ruas principais do centro da cidade (Figuras 10, 11, 12 e 13).

Figuras 10 – Campina Grande. Estabelecimentos Comerciais na Área Central. Loja C&A. Rua Maciel Pinheiro.



Fonte: Trabalho de campo. Foto das autoras em março de 2024.

Figuras 11 – Campina Grande. Estabelecimentos Comerciais na Área Central. Loja de vestuário Damyller. Rua Maciel Pinheiro.



Fonte: Trabalho de campo. Foto das autoras em abril de 2023.

Figuras 12 – Campina Grande. Agência Bancária e Instituições Administrativas. Agências Bancárias –Banco do Nordeste, Banco do Brasi. Rua Sete de Setembro.

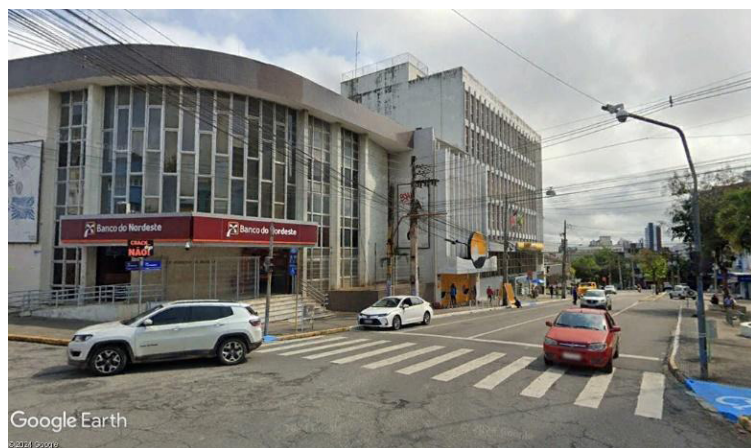


Foto: Google Street View. setembro de 2023

Figuras 13 – Campina Grande. Agência Bancária e Instituições Administrativas. Cruzamento das Ruas Maciel Pinheiro e Floriano Peixoto. Biblioteca Municipal e Associação Comercial e Empresarial.



Foto das autoras em janeiro de 2023.

Há que se registrar, que apesar da concentração dos estabelecimentos comerciais e de serviços, constatou-se a presença de residências, não só as que são adaptadas no pavimento superior dos estabelecimentos comerciais, denotando a refuncionalização do edifício, mas também algumas casas antigas. Tal permanência pode ilustrar os resíduos do que se denomina de Cidade Tradicional ou Histórica com base nas leituras de Lefebvre (1974), ou seja, da cidade quando se constituía em uma única unidade. Outra observação importante é o fato de existirem poucos imóveis desocupados. Na verdade, o centro principal da cidade de Campina Grande não corresponde a uma área estagnada ou esquecida, mesmo que já se vislumbre as alterações provocadas pelo surgimento das novas centralidades em outras localidades, a exemplo do shopping center, como apresentado anteriormente.

O caminhar pelas ruas do centro de Caruaru é para um visitante, algo que surpreende dada a movimentação, o fluxo de pessoas, de automóveis e de ônibus. Este, portanto, se mostra enquanto um autêntico Centro, ou a principal centralidade intraurbana. O comércio da rede local e regional prevalece nas atividades e serviços ofertados, muito embora aí também se encontrem empresas varejistas de redes nacionais tais como: Magazine Luiza, Lazer Eletros, Lojas Emanuelle, Casas Bahia e Lojas Americanas. Verifica-se também a concentração de agências bancárias como Banco do Brasil, Itaú, Caixa Econômica Federal, Bradesco e Santander. (Figuras 14 e 15).

Figuras 14 – Caruaru. Área Central. Agência Bancária e Estabelecimento Comercial. Agência Banco Itaú. Rua José Martins, Bairro Nossa Senhora das Dores, Caruaru.



Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/32/Caruaru>. Acessado em: 08 de fevereiro de 2024.

Figuras 15 – Caruaru. Área Central. Agência Bancária e Estabelecimento Comercial. Empresa de rede nacional, na Rua 15 de novembro, Bairro Nossa Senhora das Dores, Caruaru.



Fonte: Yan Silva, 2024.

Nas áreas centrais de Campina Grande e de Caruaru, são visíveis as alterações no uso do solo e o interesse imobiliário. Como analisado por Bomfim et.al (2022), a concentração de edifícios de mais de 20 pavimentos na área de entorno do Açude Velho, em Campina Grande, vem modificando a morfologia, a estrutura e a dinâmica urbana, provocando uma alteração substancial no preço dos imóveis. Nas imediações da estação ferroviária uma chaminé e alguns galpões resistiram às demolições dos edifícios fabris e de residências que ocupavam lotes maiores, onde o aumento do número de residências em estado de abandono e de terrenos

vazios é visível. Em Caruaru, tais modificações também foram observadas por Calado (2023) no Bairro Maurício de Nassau, sobretudo no eixo de atividades múltiplas, a Avenida Agamenon Magalhães, que se constitui enquanto vetor de valorização para produção imobiliária verticalizada. No entanto, as transformações espaciais também vêm acontecendo nas proximidades da estação ferroviária, na área do centro antigo, em que pode ser percebido o aumento do número de estacionamentos e de alguns imóveis em estado de abandono.

Ainda a respeito dos centros das cidades na atualidade é importante registrar a preocupação com o patrimônio histórico. No que diz respeito à definição e regulamentação de uma área de preservação, ou centro histórico, verifica-se nas duas cidades diferentes reconhecimentos e gestão do patrimônio. Campina Grande possui um Centro Histórico e áreas de preservação do entorno protegidas no âmbito estadual e em Caruaru há o reconhecimento sobretudo de imóveis individuais no âmbito municipal, mas com um zoneamento atual que contribui para a sua preservação, ou permanência.

Em Caruaru, a concentração de atividades comerciais impulsionadas pela forte presença da feira, contribui para uma permanência intensa de comércio e serviços nessa área, onde se mantém a morfologia do traçado urbano de lotes estreitos e profundos. Característica esta reforçada pela legislação atual que proíbe o remembramento nessa área, favorecendo uma continuidade do comércio tradicional. No entanto, para além dessa proteção, a preservação do patrimônio histórico requer não apenas o reconhecimento da sua centralidade econômica e a delimitação isolada de seus bens considerados históricos, faz-se necessário considerá-lo enquanto lugar, espaço do encontro, portanto da manutenção da sua vida, para além do consumo e turismo. (Fernandes, 2013).

Apesar da ausência de delimitação de um centro histórico, o centro antigo concentra uma quantidade de imóveis reconhecidos no âmbito municipal protegidos pela Lei nº 5.837/2016, que define os Imóveis Especiais de Preservação (IEPs), estabelecendo condições para a sua preservação. Destaca-se entre esses exemplares, o reconhecimento de igrejas, edificações públicas, civis, antigos armazéns e fábricas. Entre essas permanências espaciais, ao caminhar pelas ruas destacam-se exemplares que continuam a contar a história de Caruaru, tais como a atual loja comercial Martins Sá, onde foi “o mais alto prédio de Caruaru, com três pavimentos, situados na Rua da Frente em 1906” (Marques, 2012, p. 40). (Figura 16)

Outros IEPs também permanecem por meio da refuncionalização de seus espaços, a exemplo do antigo matadouro público que hoje funciona como centro gastronômico, o Mercado Cultural Casa Rosa (Figura 16, a direita) e o atual Memorial da cidade que abrigou o Mercado de Farinha de 1924 a 1992, ano da transferência da feira para o atual Parque 18 de maio.

Figura 16 – Antigo Banco Auxiliar do Comércio e antigo Matadouro Público



Fonte: Fotos Yan Silva, 2024

Algumas permanências industriais podem ser observadas em Caruaru, como é o caso da antiga Fábrica Caroá, inaugurada em 1935 e desativada em 1979. Após o decreto de falência, a edificação foi incorporada aos bens materiais do Banco do Brasil e cedida ao município, tornando-se o Espaço Cultural Tancredo Neves em 1988 (Silva e Teixeira, 2011). “O local abriga, além da Fundação de Cultura, o Museu do Barro, o Museu do Forró Luiz Gonzaga, o Espaço Elba Ramalho e o próprio Museu da Fábrica Caroá” (Marques, 2012, p. 195). Um outro edifício é o da antiga fábrica SANBRA. O pátio e a chaminé compõem a espacialidade do pátio de eventos Luiz Gonzaga, inaugurado em 1995, sendo este o espaço principal da tradicional festa de São João da cidade.

Em Campina Grande, o centro antigo consolidado para comércio e serviços também na década de 1960, permanece enquanto principal centralidade, apresentando a continuidade do seu traçado urbano dos anos 1930-1940. A permanência de atividades econômicas e administrativas se dá para além do polígono comercial. Edificações administrativas, institucionais, serviços de saúde, locais de evento e lazer se espalham nessa área central, dotada de infraestrutura, alta acessibilidade na malha intraurbana e ainda uma significativa carga simbólica. Apesar de possuir um reconhecimento legislativo pelo Instituto do Patrimônio Histórico da Paraíba de um centro histórico e seu entorno, as modificações na área central de Campina Grande denotam contradições entre a preservação e a atuação do mercado imobiliário.

No núcleo primaz, destaca-se a permanência dos sobrados em estilo art déco, onde permanece com o uso comercial, majoritariamente no pavimento térreo. Na avenida Floriano Peixoto, registra-se a antiga casa de câmara e cadeia, que posteriormente funcionou o prédio dos correios e telégrafos, abrigando hoje o Museu Histórico de Campina Grande. Encontra-se também o imóvel construído na década de 1920 que abrigou inicialmente o Mercado Público, e posteriormente serviu de uso educacional e hoje é utilizado como Museu de Artes administrado pela Universidade Estadual da Paraíba. Edificações como o antigo grande hotel e a prefeitura, datadas da década de 1940, atualmente abrigam funções administrativas e a biblioteca municipal, respectivamente.

Na área do Centro Histórico regulamentado, destacam-se: os galpões industriais na antiga área conhecida como Boninas-que em sua maioria permanece sem uso (Figura 17); antigos chalés e casas com varanda que hoje são utilizadas com serviços de saúde; e as edificações em lotes estreitos, alongados e sem recuos, que apesar de algumas permanências residenciais, continuam com o uso majoritariamente para comércio e serviços. Ainda no centro histórico, destacam-se as ruas Treze de Maio, Irineu Joffily, Solón de Lucena, Tiradentes (Figura 17, a direita), Major Juvino do Ó e Vidal de Negreiros, que são marcadas por um uso misto. No entanto, é notório o crescente número de estacionamentos e de imóveis em estado de abandono, principalmente nas ruas que não estão dentro da poligonal do centro histórico, e que se aproximam do local de eventos, o Parque do Povo.

Figuras 17– Galpões na Rua Félix de Araújo e permanências residenciais na Rua Tiradentes, Centro Histórico de Campina Grande.



Fonte: Fotos Yan Silva, 2024 e Leticia Bomfim, 2023

Essas transformações, tanto no entorno do Açude Velho como no do Parque do Povo, corroboram para uma modificação da área que se consolidou em 1940 com equipamentos e infraestrutura pública, com alta acessibilidade na malha intraurbana e que concentra fluxos de pessoas e mercadorias. No entorno dessas duas áreas citadas, visualiza-se a contínua substituição das edificações antigas por outras que não condizem com o regulamento, principalmente por se tratarem de edifícios verticais, pondo em cheque as normativas da preservação patrimonial (Figuras 18). Em Caruaru, as transformações tipológicas que acontecem no entorno também vêm avançando para a área do centro antigo, mesmo estando essa produção em desacordo com a legislação vigente.

Figura 18– Transformações espaciais em Campina Grande e em Caruaru, respectivamente.



Fonte: As autoras, 2024

Em ambos os casos, observa-se um interesse imobiliário amparado pelas gestões municipais em alterar substancialmente a área central. Cabe destacar que as transformações imobiliárias continuam a acontecer mesmo com a legislação urbanística e patrimonial restritiva, revelando que a produção de legalidades e irregularidades em áreas centrais não é algo singular ou particular das metrópoles brasileiras. Evidencia-se semelhanças no quadro de permanências e transformações, permeadas de contradições. Assim, as áreas centrais analisadas seguem a lógica predominante do mercado na produção espacial, seja com a permanência comercial e de serviços, seja com as transformações espaciais. Quanto ao quadro de transformações, destaca-se a oferta de novos produtos imobiliários, sobretudo, verticais que anunciam a ideia de um “novo centro” nas áreas de transição do centro antigo-centro expandido, tanto em Campina Grande como em Caruaru.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto elege como objeto de análise, duas cidades do interior do Nordeste brasileiro, quais sejam, Campina Grande na Paraíba e Caruaru em Pernambuco e, mais propriamente as suas áreas centrais. Tal estudo recupera a história dessas cidades para expor como se deram os processos de conformação e consolidação das suas respectivas áreas centrais, ou simplesmente centros. Contudo, não se restringiu à exposição desse movimento histórico, uma vez que o objetivo era apresentar o processo de conformação da área central e mostrar o uso destas na atualidade, buscando quiçá responder a algumas das indagações feitas por Corrêa (2009). Além das constatações feitas com as observações em campo, buscou-se relacionar estas dinâmicas às regulamentações municipais.

Pode-se afirmar, que em ambas as cidades, os seus centros não se mostram inertes, constituem uma dinâmica ainda marcante para as cidades, tanto econômica, como social. Contudo, diferenças entre elas também foram observadas. Em Campina Grande se constata um maior número de lojas de

vestuário e de calçados que também estão no shopping center. Já em Caruaru, isso não ocorre, predominando estabelecimentos de locais, em razão da sua maior expressão comercial e da sua polarização regional no setor do vestuário, como bem demonstra Xavier (2024).

Acrescenta-se a importância da feira enquanto elemento impulsor da centralidade intraurbana e também interurbana. Mesmo que o espaço onde esta se realiza em Caruaru já não corresponda ao centro antigo, não está distante deste, favorecendo inclusive a sua expansão nesta direção. Em Campina Grande, observa-se que a feira já não se apresenta como principal mercado da cidade, estando inclusive necessitando ser reestruturado. Um outro elemento que merece ser registrado é o local das festividades do São João, tanto em uma como em outra cidade, nas proximidades do seu centro principal.

Pelo exposto, reafirma-se a importância de se analisar os centros das cidades, pois estes acompanham a história da cidade, constituindo-se espaços carregados dos mais diversos processos econômicos, políticos e culturais e permanecem atraindo ações governamentais para mantê-los como áreas de interesse imobiliário, como ocorrido em tantas outras cidades do Brasil e de outros países. As contradições tão inerentes ao processo de urbanização se evidenciam nos centros das cidades, não só das realidades metropolitanas, como também das cidades que se constituem enquanto centralidades regionais, ou como aqui denominamos, cidades médias. Ademais, reitera-se a assertiva expressa na obra organizada por Fernandes e Sposito (2013): urge uma nova vida para o velho centro. ■

Recebido em: 24-02-2024

Aceito em: 07-05-2025

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ MORA, Afonso. *Urbanística comparada em los albores de la modernidade: burguesia, espacio urbano y proyecto de ciudad*. Valladolid: Instituto Universitario de Urbanística, 2022.
- BOMFIM, Leticia Barbosa; ANJOS, Kainara Lira dos; ALBUQUERQUE, Maria Catarina Brito. Os novos produtos imobiliários verticais nas áreas centrais: Um estudo sobre o mercado de habitação no entorno do Centro Histórico de Campina Grande - Paraíba. *XIX Encontro Nacional da ANPUR (ENANPUR)*. Evento online, 2022.
- BRASILEIRO, C. D. F. L., ALBUQUERQUE, C. C. S., GOMES, B. C., SILVA, K. N. L., & PIZZOLATO, P. P. B. Do reconhecimento à salvaguarda do patrimônio cultural da saúde em Caruaru-Pe: Inventário de exemplares arquitetônicos do século XX. *13º Seminário DOCOMOMO Brasil*. Salvador, 2019.
- CALADO, Carolina Barreto. *Análise da legislação urbanística face à implantação de produtos imobiliários de habitação vertical em cidades médias: O caso de Caruaru-PE*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo, 2023.
- CALIXTO, M. J. M. S., DA HORA BERNADELLI, M. L. F., MAIA, D. S., & de ARAUJO, C. M. (2022). Do BNH ao PMCMV: O processo de conformação de novas periferias urbanas em cidades médias brasileiras. *GEOgraphia*, v. 24, n. 53, 2022.
- CAPEL, Horacio. Modernización, innovación e intereses económicos en las ciudades. In: MAIA, Doralice Sátyro; NIRVANA, L.A; DE SÁ, Rafael; COSTA, A. Ismael (org). *Trilhos, luzes e salubridade: inovações técnicas na cidade entre os séculos XIX-XX*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019
- CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. Campina Grande e sua função como capital regional. *Revista Brasileira de Geografia*, v. 25, n. 4, p. 415-51, 1963.
- _____. Caruaru e sua área de influência. *Revista Brasileira de Geografia*, v.27, n. 4, p. 587-614, 1965.
- CORREA, Roberto Lobato. *Espaço Urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. Construindo o conceito de cidade média. In: Sposito, Maria Encarnação. B. *Cidades médias : espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 23-34.
- _____. Área Central – permanências e mudanças: Uma introdução. In: OLIVEIRA, José Aldemir de. *Cidades brasileiras: territorialidades, sustentabilidade e demandas sociais*. Manaus: Ed. UFAM, 2009, p. 44-47.
- COSTA, Antônio Albuquerque da. *Sucessões e Coexistências do Espaço Campinense na sua Inserção ao Meio Técnico-Científico-Informacional: a feira de Campina Grande na interface desse processo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2003.
- DINIZ, Lincoln da Silva. *As bodegas da cidade de Campina Grande: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro José Pinheiro*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2004.
- FERNANDES, José Alberto Rio. Muitas vidas têm o centro e vários centros tem a vida de uma cidade. In: FERNANDES, José Alberto V. Rio; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A nova vida do velho centro, nas cidades portuguesas e brasileiras*. CEGOT. Porto, 2013.
- FREIRE, Maria Emília Lopes. *Patrimônio ferroviário: a preservação para além das estações*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, 2017.
- GEIGER, Pedro Pinhas. *A evolução da rede urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Pesquisas Pedagógicas, 1963.
- HARVEY, David. *Paris, capital da modernidade*. São Paulo: Boitempo, 2015.
- LALANA SOTO, José Luis; SANTOS Y GANGES, Luis (2009). Las fronteras del patrimonio industrial. *Llámpara. Patrimonio industrial*, Valladolid, 2, 7-20. Disponível em: <http://issuu.com/cdmdsn/docs/revista2>

LEFEBVRE, Henri. *La producción de l'espace*. Paris: Éditions Anthropos, 1974.

_____. *Lógica formal, lógica dialética*. Rio de Janeiro: Editora Civilização brasileira, 1991.

MAIA, Doralice Sátyro. De cidades tradicionais a centros históricos: o núcleo original e os centros históricos das cidades médias brasileiras. In: SANFELIU, Carmen Bellet; SPOSITO, Encarnação Beltrão. *Las ciudades medias o intermedias em un mundo globalizado*. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2009.

_____. Cidades médias e pequenas do nordeste: conferência de abertura. In: *Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso*. / Diva Maria Ferlin Lopes, Wendel Henrique (orgs.). – Salvador: SEI, 2010, p. 13 - 42.

_____. A ferrovia nas cidades bocas de sertão: alterações na morfologia urbana e no território brasileiro. In: RIBEIRO, Gladys Sabina; CAMPOS, Adriana Pereira. *Histórias sobre o Brasil no oitocentos*. São Paulo: Alameda, 2016.

_____. Cidades Bocas de Sertão: sobre a origem e constituição do Núcleo Primaz e os primeiros inícios do processo de urbanização. In: MAIA, Doralice Sátyro; DA SILVA, William Ribeiro; WHITACKER, Arthur Magon. *Centro e centralidade em cidades médias*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2017.

_____. Trilhos, luzes e salubridade: Inovações técnicas na cidade entre os séculos XIX- XX. In: MAIA, Doralice Sátyro; NIRVANA, L.A; DE SÁ, Rafael; COSTA, A. Ismael (org). *Trilhos, luzes e salubridade: inovações técnicas na cidade entre os séculos XIX-XX*. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

_____. “Ferrovia, estrutura e dinâmica de cidades feiras no interior do território brasileiro: Final do século XIX e início do século XX”, *TST. Transportes, Servicios y Telecomunicaciones 50*, 2023. p. 44-81.

MAIA, Doralice Sátyro; XAVIER, Twane Maria Cordeiro. Cidades médias e centralidades na rede urbana do nordeste brasileiro: interações multiescalares. In: HENRÍQUEZ Cristian; DA SILVA, Willian Ribeiro; FERNANDES, Vicente Aprigliano; SALAZAR, Gonzalo. *Urbanização e cidades médias: territórios e espacialidades em questão*. Rio de Janeiro, 2022.

MARICATO, Ermínia. *Brasil, cidades: Alternativas para a crise urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MARQUES, Josabel Barreto. *Caruaru, ontem e hoje: de fazenda a capital*. Recife, 2012.

MIRANDA, Gustavo Magalhães Silva. *A feira na cidade: limites e potencialidades de uma interface urbana nas feiras de Caruaru (PE) e de Campina Grande (PB)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

OLIVEIRA, André Gustavo. *Crescimento urbano versus urbanidade: Estudos sintáticos da espacialidade de Caruaru-PE*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2016.

PASSOS, Karla Pereira dos. *Estudo sobre a gestão da conservação do patrimônio ferroviário de Caruaru*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, 2020.

PICON, Antoine. Racionalização técnica e utopia: a gênese da haussmannização. In: SUANO, Marlen. *Cidades capitais do século XIX: racionalidade, cosmopolitismo e transferência de modelos*. São Paulo: Editora da USP, 2001.

PORTAS, Nuno. Velhos Centros Vidas Novas. In: _____. *Os tempos e as formas. Vol. 1 A cidade feita e refeita*. Guimarães: Universidade do Miño, 2005.

QUEIROZ, Marcus Vinícius Dantas de. *Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930 – 1950)*. Dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo- Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008.

_____. Art Déco em Campina Grande (PB): Valorização, patrimonialização e esquecimento. *Revista UFG*, ano XII, n. 8, p. 35-40, 2010.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. Editora Perspectiva, 2014.

RIBEIRO SILVA, William. Centralidade, shopping centers e reestruturação das cidades média. In: MAIA, Doralice Sátyro; DA SILVA, William Ribeiro; WHITACKER, Arthur Magon. *Centro e centralidade em cidades médias*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2017.

SALGUEIRO, Tereza Barata. Do centro às centralidades múltiplas. In: SPOSITO, M.E.B; FERNANDES, J.R. *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras*. Porto: CEGOT, 2013, p. 13-30.

SANTOS, Milton. Contribuição ao estudo dos centros de cidades: o exemplo da cidade do Salvador. *Boletim Paulista de Geografia*, São Paulo, n. 32, p. 17-30, 1959.

_____. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Editora de Humanismo, Ciência e tecnologia, 1993.

_____. *A natureza do espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, José Veridiano dos; FERREIRA, Josué Euzébio (orgs). Caruaru, 150 anos: produção historico-literatura e seus escritores. Caruaru: Edições FAFICA. _____. *Falas da cidade: um estudo sobre as estratégias discursivas que construíram historicamente a cidade de Caruaru (1959 – 1970)*. Dissertação em História. Universidade Federal de Pernambuco, 2008.

SANTOS Y GANGES, L. (2011). *Urbanismo y ferrocarril. La construcción del espacio ferroviario en las ciudades medias españolas*. Madrid: Fundación del Ferrocarriles Españoles.

SILVA, George Pereira da; TEIXEIRA, Geyse Anne. *Fábrica de Caroá: história e memória*. Caruaru, 2011.

SPOSITO, Maria Encarnação B. Cidades Médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: Sposito, Maria Encarnação. B. *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 233-255.

_____. Centros e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, José Alberto V. Rio; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras*. Porto: CEGOT, 2013.

_____. Oportunidades e desafios da pesquisa urbana comparada. In: SPOSITO, M. Encarnação B.; SPOSITO, Eliseu S.. (Org.). *A construção de uma pesquisa em Ciências Humanas*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2022, v. 1, p. 187-220.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão *et al.* O estudo das cidade médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: Sposito, Maria Encarnação. B. *Cidades médias : espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007, p. 35 - 68.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro. *Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional: Campina Grande e Londrina*. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SOBARZO, Oscar. As cidades médias e a urbanização contemporânea. *Revista Cidades*, v. 5, n. 8, 2008, p. 278-292.

VALENÇA, Mariana Rabelo. *Os novos papéis e funções da cidade média de Caruaru-PE: uma análise a partir da expansão do ensino superior*. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba, 2018.

VARGAS, Heliana C.; CASTILHO, Ana Luisa Howard. *Intervenções urbanas em centros urbanos: objetivos, estratégias e resultados*. Barueri: Manole, 2015.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

XAVIER, Twane. *Arranjo urbano-regional disperso do polo de confecções do agreste de pernambuco*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Pernambuco, 2024.